# DO ADOECIMENTO COMO SAÍDA À SAÚDE COMO INVENÇÃO

Margareth Diniz – dinizmargareth@yahoo.com.br

## Introdução

Ao longo de anos, estudiosos têm se debruçado sobre o tema Saúde Mental e Trabalho, buscando caracterizar o nexo interdependente e causal entre ambos. Vários estudos e publicações acerca deste tema revelam a intrínseca relação entre o processo de trabalho e suas repercussões na saúde do trabalhador.

No campo teórico das transformações no mundo do trabalho e da saúde do trabalhador nesse contexto, muito se caminhou. No entanto, na prática, a realidade é outra. O mundo do trabalho nos apresenta a seguinte face: alto índice de absenteísmo, inúmeros casos de doenças relacionadas ao trabalho, sobretudo as mentais, crescente aumento do uso de álcool, drogas lícitas e ilícitas, bem como a incidência de alguns casos de suicídio entre trabalhadores. No presente trabalho trata-se de interrogar o mal-estar presente no trabalho pedagógico e as questões que s~çao apontadas como causas do sofrimento psíquico dos professores gerando absenteísmo, licenças e abandonos do trabalho docente, bem como as possíveis saídas elucidads pela metodologia da conversação balizada pela teoria psicanalítica.

## Do mal-estar

Como fazer que a educação movimente-se, inquiete-se, abra-se a novos possíveis, a novas experimentações e desafios? Como tornar visíveis alguns processos e sintomas implicados na produção desse tão falado mal-estar, bem como a lógica que o anima?

A denominação de educador pressupõe de um lado que aquele que educa se supõe detentor de um saber e de um poder sobre o outro e de outro, um sujeito designado por uma posição de carência como uma característica inerente. Os instrumentos e as tecnologias seriam capazes de, uma vez bem operados, torná-lo diferente do que se presumia que ele era. Este algo que se tem viria recobrir ou compensar justamente aquela condição de carência. Mas o que deveria ser transmitido por intermédio dessa ação educativa?

No século XVIII tratava-se de todos os elementos e valores que davam condições de possibilidade à emergência de um novo homem europeu e de todas aquelas qualidades que o consubstanciavam como sujeito portador de uma identidade, de uma moral – cristã, mas também utilitarista –, sujeito de direitos e deveres, sujeito do conhecimento, livre e autônomo.

No XIX, havia uma aposta otimista num desenvolvimento orientado pela ordem e pelo progresso, por meio da racionalização da vida social e da instrumentalização utilitarista da razão.

No século XX muito sucintamente, ensinar seria "passar adiante", transmitir, tal e qual, o que anteriormente já havia sido pensado, "descoberto", feito, cultivado e praticado por outros homens, por suas instituições, pela cultura. Tanto a aprendizagem quanto o ensino estariam vinculados ao reconhecimento e à repetição do que havia sido ensinado, transmitido, sendo assim associados à reprodução e à repetição do mesmo, do igual, do semelhante, devendo esta prática educativa ser propagada e levada homogeneamente a todos, ou seja, a educação deveria ser *universalizada.* Contudo, esse intuito se mostrou uma empresa das mais difíceis e complicadas pelo fato de que os sujeito sempre se revela *resistente à*s investidas que lhe são dirigidas. Em decorrência disso a relação "educador/educando"sempre foi atravessada por conflitos que lhes seriam imanentes. O processo civilizatório-educacional desenvolveu-se sempre, e necessariamente, sob o signo do embate, do jogo de forças e da tentativa de dominação.

De qualquer forma, à medida que esse projeto se pôs em andamento, a educação terminou por firmar-se como uma das principais instituições das

sociedades ocidentais na modernidade: a educação, num sentido amplo, e, mais especificamente, a escola pública instituíram-se como lugares privilegiados de investimento de expectativas sociais, agenciando- se com destaque na construção da ordem simbólica e cultural dominante no Ocidente.

Porém, não podemos deixar de destacar que quando situamos o mundo moderno há uma "profunda ambigüidade" que se fez notar especialmente no âmbito da educação, pois constata-se dois movimentos opostos: emancipação (pela liberalização) e governo (controle social dos corpos e subjetividades). O mundo moderno pretende libertar o homem, a sociedade e a cultura de vínculos, ordens e limites, fazendo viver de maneira completa esta liberdade, mas, ao mesmo tempo, tende a moldar profundamente o indivíduo segundo modelos sociais de comportamento, tornando-o produtivo e integrado. Trata-se de uma oposição fundamental que marca a história da Modernidade, faz dela um processo dramático e inconcluso, dilacerado e dinâmico em seu próprio interior, e portanto, problemático e aberto.

O discurso político, econômico e social, contribuíram com a construção de que esta seria a categoria profissional "destacada" pela sociedade para lidar como linha de frente com a tarefa de educar/civilizar. Em nossa realidade educar/civilizar sujeitos que sofrem os efeitos da miséria, da violência e da exclusão, da fome, da prostituição infantil, dos grupos de extermínio, da violência doméstica, dos problemas com drogas, alcoolismo, analfabetismo, desemprego, brigas de gangues, assaltos e latrocínios, falta de saneamento básico, péssimas condições de vida, carência de outros equipamentos sociais. E ainda os chamados novos sintomas, nos quais a exigência pulsional se manifesta nas bulimias, anorexias, consumos exagerados, evidenciando uma série de compulsões.

Em nossa sociedade, ser professor, educar e formar educadores tornaram-se atividades, à primeira vista, valorizadas socialmente, ou seja, significadas como dignas e importantes, tendo sido consideradas a um tempo fundamentais para o presente e o futuro dos homens. Mas o que se observa é que essa tal valorização de um "quefazer" pedagógico terminaria por pesar nos ombros dos educadores como uma enorme responsabilidade

*moral, vendo-se* obrigada a suportar a ambigüidade de se haverem ao mesmo tempo com os imperativos de uma tarefa emancipadora e de uma função disciplinadora, tarefa que caracteriza-se, entre outros aspectos, pela incerteza, pela desconfiança, tendo como efeito um certo rebaixamento de seu *status* social.

A escola e seus professores se deixam *afetar* tanto pela rede discursiva que denuncia a crise social de valores culturais e morais cada vez mais fluidos quanto por passagens ao ato, no cotidiano escolar, ambos dando testemunho que a autoridade devida ao professor é atualmente amplamente negada.

Diante desses impasses, o professor se vê convocado a tomar decisões, desde estratégias para o ensino de alunos que não aprendem e crianças com dificuldades no comportamento, até decisões que visam facilitar a aprendizagem do aluno, como convocar os pais à escola e propor-lhes um trabalho em conjunto. Mas, ao perseguirem o ideal de realizar um trabalho de qualidade, se vêem frustrados, não acolhidos em suas demandas, o que os faz por sua vez, desistir, adoecer, atuar.

O mal-estar vivido por eles no cotidiano escolar, efeito das circunstâncias aversivas com que se deparam todos os dias no trabalho, interroga porém o sofrimento de cada um em particular, evidenciando a necessidade de se entender as posições subjetivas do sujeito e suas defesas diante desse mal-estar. Sufocados pelas exigências que a realidade educacional lhes impõe e por ideais educativos inalcançáveis, os professores manifestam uma enorme angústia e grande sentimento de desamparo e muitos não encontram saídas a não ser pela via do isolamento justificado pelas licenças médicas que autorizam sua retirada.

Explicações como a chamada crise de desistência do educador, o *burnout*, termo inglês que significa algo como perder o fogo, perder a energia, que surge quando o professor esgota seus recursos pessoais ou estes são insuficientes para atender ao excesso de demandas existentes na escola. A esses docentes faltam estratégias de enfrentamento das situações do cotidiano escolar; ele está cansado, abatido, sem vontade de ensinar, um docente em franco processo de desistência.

Outro elemento citado pelos professores são as estratégias engendradas por crianças ou jovens que os destituem do lugar de professores, a partir de sua própria recusa em entrar no jogo da escola. Sendo assim, acabam erguendo mecanismos de proteção que os retire, de alguma forma, da convivência diária com as situações que os fazem sofrer. Freud corrobora com esta idéia, pois relata que o organismo recorre a tentativas de fuga quando se vê ameaçado por perigos externos.

A oferta de fala a partir da metodologia da conversação parece abrir um espaço para que um desejo de saber sobre si e sobre este mal-estar tenha lugar. A partir da convicção freudiana de que o sofrimento que a miséria neurótica traz ao sujeito independe das condições econômicas, sociais ou de escolaridade daquele que em suas malhas está enredado, é que se faz importante a dimensão sintomática. O mal-estar relatado pelos professores na conversação evoca portanto, a condensação do modo como cada um goza de seu sintoma.

Do sintoma

Para Freud, o sofrimento ameaça o homem em três direções: o próprio corpo, fadado à decadência; o mundo externo, que pode voltar-se contra ele com forças de destruição e; o relacionamento com os outros, colocado como talvez sendo a fonte do sofrimento mais penoso. A defesa imediata contra este sofrimento seria o isolamento, porém afirma que o melhor caminho é o de tornarmo-nos membros da comunidade humana.

No que diz respeito especificamente ao sofrimento psíquico de professores, existem inúmeras investigações tentando elucidar as causas do desconforto e do adoecimento na profissão docente. Na escola, os sintomas do mal-estar dos professores se manifestam na interface de problemas subjetivos com os problemas escolares. Muitas vezes, aparecem junto a uma incapacidade de lidar com as impossibilidades advindas da própria função, bem como com as da própria vida refletidas pelo desamparo sentido no mundo moderno, quando não encontram um lugar para serem escutados e se deparam com a ausência de respostas aos seus ideais.

O sintoma em Freud (1925) surge como um sinal de um substituto de uma satisfação pulsional e é conseqüência de um processo de recalcamento. Em virtude desse processo o prazer que se esperava da satisfação transforma-se em desprazer. Os professores que idealizam excessivamente o ato pedagógico sofrem, pois o prazer que esperavam ilusoriamente encontrar na docência acaba não correspondendo ao esperado. O sintoma é sempre endereçado ao outro. No caso dos professores, o não reconhecimento por seu trabalho e a falta de acolhimento às suas demandas são sinalizadas pelo sintoma como uma mensagem endereçada ao outro, na tentativa de serem minimamente escutados.

Cada sintoma é singular a cada sujeito, dado aos seus mais variados arranjos fantasmáticos. O homem segue seu percurso de vida desejando reconhecimento, mas tal desejo permanece desde sempre excluído, recalcado. O que adoece o humano para Lacan, é o sintoma, e este nada mais é que o sinal de uma disfunção orgânica, um funcionamento que vem do real do corpo, que deve ser atravessado e não curado. Para Lacan, em nenhum caso poderia o tratamento consistir na erradicação do sintoma, enquanto efeito estrutural do sujeito.

A respeito da singularidade do sintoma e do modo de arranjo sintomático de cada sujeito, um dos arranjos psíquicos para dar conta da função pedagógica é uma atuação de baixa qualidade, ou uma inibição que rotiniza seu trabalho profissional como mecanismo de defesa face às condições em que exercem o magistério e ainda aqueles que operam com uma conduta flutuante, impregnada de contradições, que acaba por não responder às transformações exigidas pela mudança do contexto social do magistério.

No grupo de conversação, trata-se de fazer falar o mal-estar, que por não poder se explicitar no cotidiano escolar, afeta o sujeito que não consegue transformá-lo em palavras, retornando sob a forma de adoecimento, como expressa a professora: *"Estava muito cansada, estressada em trabalhar com adolescentes; comecei a tomar muitos remédios e vi que estava adoecendo..."*

O mal-estar vivido especialmente por mulheres-professoras no cotidiano escolar pode ser lido como efeito das circunstâncias aversivas com que se

deparam todos os dias no trabalho: *"Estou muito insatisfeita com a profissão, com o sistema de ensino, e o desrespeito da PBH com o servidor... sofri ameaça de alunos e ninguém fez nada....isso me adoeceu..."*

Sufocadas pelas exigências que a realidade educacional lhes impõe e por ideais educativos inalcançáveis, as professoras manifestam uma enorme angústia e grande sentimento de desamparo e muitas não encontram saídas a não ser pela via do adoecimento justificado pelas licenças médicas que autorizam sua retirada.

Na incerteza do que se deve veicular na escola e na sala de aula evidenciam-se os fantasmas de professores/as e alunos/as, ainda que estes/as não o saibam, engendrando estratégias por parte das crianças ou jovens que recusam entrar no jogo da escola e da assimilação de conhecimentos descolados e ultrapassados e por parte dos/as professores/as que ao insistir em repassar esses conhecimentos e fracassar acabam por erguer mecanismos de proteção que os retire, de alguma forma, da convivência diária com as situações que os fazem sofrer, como aponta uma professora: *"eu quero é sair... a PBH tem que investir mais em capacitação, pois grande parte do fracasso escolar é devido à falta de capacitação do professor em seu ambiente de trabalho e de forma coletiva, senão há o boicote de trabalho daquele que se capacitou..."*.

Freud corrobora com esta idéia, pois relata que o organismo recorre a tentativas de fuga quando se vê ameaçado. Diante de um conflito é melhor adoecer, ou quem sabe sair da PBH, como quer fazer a professora.

O grupo de conversação se propõe a escutar esses mal-estares, interrogando o sofrimento de cada uma em particular, evidenciando a necessidade de se entender as posições subjetivas do sujeito, sua relação com o desejo de ensinar, bem como suas defesas. Aposta que essa circulação de palavras e saberes possa incidir na saúde a ser inventada por cada uma que se propõe a participar. Enquanto espaço de pesquisa ele poderá acolher elementos do discurso pedagógico visando uma interlocução profícua com a Psicanálise, fazendo trabalhar juntas a Psicanálise e a Educação.

A oferta de fala parece abrir um espaço para que um desejo de saber sobre si e sobre este mal-estar tenha lugar. A partir da convicção freudiana de que o sofrimento que a miséria neurótica traz ao sujeito independe das condições econômicas, sociais ou de escolaridade daquele que em suas malhas está enredado, é que se faz importante a dimensão sintomática. O mal-estar relatado pelos professores na conversação evoca portanto, a condensação do modo como cada um goza de seu sintoma.

A conversação como uma prática que permite a emergência de um lugar para onde o docente possa dirigir a palavra que será recolocada em circulação, podendo extrair dela a eficácia de sua ação também deverá consentir com efeitos imprevisíveis. Neste caso, o resultado poderá ser a possibilidade de criação de novos discursos, conforme sugere Kupfer (1997).

Saídas

Conforme a maneira como agenciam seu encontro com a realidade, a alteridade, com seus pares, com práticas e discursos, com o conhecimento, com seus alunos, com a vida é cada professor poderá transformar seu trabalho em algo insípido, sofrível, doloroso e frustrante, se suas referências para a ação se encontram aprisionadas a valores idealizados de antemão, ou se de fato se permitirão experimentar sua profissão com suas alegrias e horrores. Agenciar-se à vida pela carência, na medida em que nos referenciamos nos modelos de perfeição, a vida que efetivamente temos e levamos é desvalorizada, tornando-se tão enfadonha, doente, ressentida, fadada a repetir-se monotonamente pela imitação do mesmo, deixando-se guiar por atitudes reativas o que caracteriza a incapacidade de afirmar a si mesmo, não possuindo discernimento do que pode, de suas potências, de suas próprias capacidades inventivas e de criação. Para tanto, teria de abrir-se ao inusitado, ao imponderável, às contingências, à aventura mesmo de viver (e ensinar), o que só se torna possível por meio da experimentação, da criação e da invenção. Mas isso, requereria dele disponibilidade para abandonar velhos hábitos e valores atemporais.

Que os professores se disponham a isso: eis o desafio! Talvez, então, a cada pequeno acontecimento, a cada vez, a cada situação, a cada encontro, ensinar e aprender possam ser reinventados e afirmados, mesmo que provisoriamente, mesmo que em sua finitude, em nome desta e por esta vida.

A conversação como uma prática que permite a emergência de um lugar para onde o docente pudesse dirigir a palavra que seria recolocada em circulação, por meio da transferência, podendo extrair dela a eficácia de sua ação. Com a circulação da palavra existirá certa "oxigenação" na instituição. Os efeitos da verdade dos sujeitos a respeito da prática docente poderão beneficiá-los, para transformar a práxis por meio das falas e questionamentos singulares. Neste caso, o resultado será a possibilidade de criação de novos discursos, conforme sugere Kupfer (1997).

Em referência ao mal-estar docente, ou dito de outra forma, ao modo como cada um goza de seu sintoma, o "tratamento" seria, então, no âmbito da instituição escolar, possibilitar que cada docente se implique eticamente na sua ação e busque dar sentido aos seus atos, falando e questionando-se a respeito de sua práxis e de seus efeitos subjetivos e profissionais, no exercício cotidiano de suas funções educativas, suportando conviver com o vazio inerente ao vínculo educativo, como nos lembra Tizio (2003), de onde emerge o singular, o original.

Bibliografia

CODO, Wanderley et all. Indivíduo, trabalho e sofrimento; uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis. Vozes, 1993.

DEJOURS, C. A loucura no trabalho. Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortêz. Oborê, 1987.

DEJOURS, C et all. Por um trabalho fator de equilíbrio. RAE. Colaboração Internacional. SP. Mai/Jun. 1993.

DINIZ, Margareth. A mulher professora em desvio de função por transtorno mental. 1997. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

DINIZ, Margareth. De que sofrem as mulheres-professoras? In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). A psicanálise escuta a educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.195 – 223.

GOIATÁ, Heloísa Helena Cunha. Projeto de implantação da Clínica dos Servidores da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. 2000.

MOREIRA, Heloisa Helena Silva. O acolhimento no SUS em Belo Horizonte: uma proposta inacabada. 2006. 98 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2006.

SILVA, Pedro Luiz Barros; MELO, Marcus André Barreto de. O processo de implementação de políticas públicas no Brasil: características e determinantes da avaliação de programas e projetos. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas/UNICAMP, Campinas, n.48, p. 2-16, 2000.